

**MARÇO\***

**TEMA: Literatura e leitura**

**Começo sem fim**

**A permanente construção da Biblioteca Popular de Santa Fé**

Por Karine Serezuella

Caminhando em direção à biblioteca, Alexandre Oliveira Monteiro, 17 anos, morador do bairro Jardim Santa Fé, fala de sua experiência no projeto. Bem comunicativo e já participante de outras ações populares como o grupo de teatro e de capoeira, o jovem descreve seu envolvimento. Antes voluntário e hoje contratado como funcionário da biblioteca, assim como Maria de Lurdes Malta, 18 anos, Alexandre considera que o espaço cultural e educativo o estimulou a ler. “Antes eu lia, mas agora leio muito mais, não consigo parar de ler”. Ao falar da implantação da Biblioteca Popular na comunidade onde sempre morou, suas palavras demonstram como se sente parte integrante e construtora de tudo aquilo. “É a gente que organiza tudo na Hora do Filme, na sessão passada, a gente bateu o recorde de público”.

Alexandre caminha nas ruas de Santa Fé, um bairro da zona norte de Londrina tipicamente de periferia, onde as pessoas vivem em condições precárias e enfrentam diariamente dificuldades devido à baixa renda das famílias. Convivendo com os moradores do bairro, Luciana Lucas Martins, Rita de Cássia Covre e Tânia Regina Micheletti, irmãs da Associação Missionária Educativa de Santana e personagens da história de Santa Fé, se depararam com uma necessidade: a construção de uma biblioteca. “A gente sempre trabalhou com a comunidade em alguma atividade e vem sendo feita uma leitura do que essas pessoas têm interesse e desejo”, explica irmã Tânia. “Nós temos aqui uma população que não é educada para a leitura, ela precisa de estímulo porque muitos dos pais não foram alfabetizados”, ressalta.

Com esse desejo em mente, há aproximadamente três anos, elas, junto de Fábio Martins, educador popular e estudante de direito, resolveram colocar em prática essa idéia. Neste momento, entra em cena a ONG Mundo que Lê – entre as mais de 300 existentes em Londrina –, uma organização não-governamental dedicada à leitura e à cultura. O limitado acesso ao livro e a paixão pela leitura de mais de 20 pessoas, entre elas bibliotecários, pedagogos, jornalistas, professoras de letras, alunos de pedagogia e biblioteconomia determinaram sua fundação em 2002, “com o objetivo de incentivar a leitura e a informação em todos os conceitos e concepções” (fonte: <http://mundoquele.ofaj.com.br>). “A ONG foi criada para que a gente possa motivar as pessoas a ler, a contar histórias, que possam montar desde os acervos particulares até as bibliotecas coletivas para atendimento de um grupo social”, complementa Sueli Bortolin, diretora da Mundo que Lê.

---

\* Como parte das oficinas, os selecionados Rumos Jornalismo Cultural desenvolveram, periodicamente, reportagens ligadas por um eixo temático comum a todos os participantes.

O trabalho visa incrementar projetos ligados à leitura, envolvendo recursos humanos e materiais. Ao conhecer o projeto de formação de contadores de história realizado pela ONG no bairro londrinense João Turquino, a associação buscou também apoio da instituição. Há um ano, composta pelos componentes da associação e da ONG Mundo que Lê, uma equipe se formou. Todo o esforço dessa equipe se concentrou na campanha de ampliação do acervo e na seleção do mesmo. Livros rasgados, riscados ou desatualizados em termos de geografia e português foram descartados. “Não é porque as pessoas são de periferia que vamos diminuir a capacidade de construção do conhecimento”, ressalta Sueli.

O acervo atualmente tem 2.084 livros catalogados, entre eles livros de literatura, de história, livros infantis, religiosos, enciclopédias, almanaques – a maioria doados e alguns comprados pela associação. “É bem diversificado, bem eclético o acervo lá, o que importa é ampliar o conhecimento”, completa Sueli. Além dessas temáticas, o acervo conta também com livros que darão suporte a outras atividades comunitárias, como os grupos de teatro e de ervas medicinais, atividades antes desprovidas de materiais de pesquisa. Para irmã Tânia, “a falta desse material dificultava esse processo de formação, no qual as pessoas pudessem se tornar protagonistas das suas próprias atividades”.

Com a disponibilidade de um lugar para a biblioteca – o barracão da Igreja Católica – e os livros em mãos, todo o trabalho foi centrado na organização do espaço. Enxergando o local não apenas como um ambiente de leitura solitário, serão desempenhadas também atividades culturais paralelas e coletivas, como a Hora do Conto, debates, o Mural do Emprego, a Hora do Filme e a do Gibi, encontros de formação e círculos de leitura. Embora os livros ainda não estejam disponíveis à comunidade – inauguração prevista para abril –, já acontecem a Hora do Jornal (na qual são doados diariamente jornais pelo *Jornal de Londrina* e lá no espaço as pessoas podem consultá-los) e a Hora do Filme, na qual semanalmente são exibidos filmes tanto para crianças e jovens como para adultos. Já a biblioteca funcionará de terça a sexta-feira, nos períodos da tarde e da noite, podendo a comunidade consultar alguns materiais apenas lá dentro e fazer empréstimos de outros – livros como enciclopédias e almanaques serão consultados no local, porque são mais caros e assim teriam uma maior dificuldade de substituição em caso de perda.

Como a realização dessas atividades, o funcionamento da biblioteca estará a cargo da comunidade de Santa Fé. Tendo como embasamento teórico as palavras de Paulo Freire – “A biblioteca popular como centro cultural e não como um depósito silencioso de livros, é vista como um fator fundamental para o aperfeiçoamento e a intensificação de uma forma correta de ler o texto em relação com o contexto” (fonte: Paulo Freire, *A Importância do Ato de Ler: (em Três Artigos que se Completam)*, São Paulo, Editora Cortez, 1988) –, a implantação de uma biblioteca popular, segundo a irmã, é processo educativo de incentivo. Durante todo o andamento do projeto, a associação buscou construir uma biblioteca diferenciada da maioria das bibliotecas municipais e escolares. “A gente não queria que fosse um espaço estático, que fosse parado, onde tivesse os livros e tivesse

uma pessoa que trabalhasse ali, vinha alguém, emprestava e devolvia, mas que fosse uma biblioteca viva e em movimento”, explica irmã Tânia. Ainda segundo a irmã, “o próprio povo deverá assumir a coordenação da biblioteca e o espaço dela será o meio de organizar atividades, ações que poderão incentivar a leitura, o debate, a pesquisa...”. Para Sueli Bortolin, a comunidade participante do projeto dará dinâmica ao espaço, porque é ela que conhece o ritmo da população.

Essa nova proposta de biblioteca popular conseqüentemente confirma novos desafios, como afirma Fabio Martins, integrante do projeto, ao comentar sobre os obstáculos: “Fora os recursos, temos a dificuldade da participação ativa da comunidade, como fazer para aqueles que não são passarem a participar do espaço e da comunidade”. Essa dinâmica resultará em uma biblioteca em construção permanente, “porque o sonho mesmo é que a biblioteca ajude as pessoas a se tornarem sujeitos históricos”, aponta Martins. Irmã Tânia reforça essa problemática quando fala que “a dificuldade está em levantar na comunidade a discussão sobre um outro conceito de biblioteca que não seja aquele já estabelecido, que é a biblioteca da escola, a municipal; não é uma idéia fácil, concretizar é difícil”. Do ponto de vista dos recursos e apoios, o projeto recebe um apoio da Universidade Estadual de Londrina – por um lado com o curso de biblioteconomia e por outro com a ONG Mundo que Lê. Já os recursos são vinculados à associação. “Do poder publico nós não temos nenhum apoio. É só iniciativa da comunidade”, esclarece irmã Tânia.

Mesmo apresentando os desafios e dificuldades, a associação já vê um crescente conhecimento e participação da comunidade de Santa Fé na Biblioteca Popular – no número crescente de pessoas participando das atividades Hora do Filme e Hora do Jornal. Quanto aos livros, irmã Rita relata que “eles estão ansiosos, porque muitos não foram numa biblioteca. Aparecem lá no barracão e perguntam quando que vai começar porque querem emprestar livro”. Assim como para Alexandro e Maria, esse espaço cultural e educativo poderá ser um instrumento de formação para cada morador de Santa Fé. É apenas o começo do projeto comunitário Biblioteca Popular, um processo vivo e permanente.

---

## **ABRIL**

### **TEMA: Sincretismo**

#### **O jogo de cores na sincrética pintura afro-brasileira**

Por Karine Serezuella

Um se inspira no cotidiano e nas cenas urbanas para compor quadros figurativos. O outro não se limita a uma temática para pintar suas telas abstratas. O primeiro é Agenor Evangelista, artista plástico desde a década de 1970. O segundo é Bhall Marcos, artista plástico autodidata desde 1990.

Essa breve definição dos artistas londrinenses aparenta certa distinção de estilos artísticos. Mas algo os aproxima e os coloca dentro da arte afro-brasileira: a ascendência africana. Tanto Evangelista como Marcos se propõem a fazer uma arte inspirada na africanidade e na brasilidade. Mas o resultado disso, o que seria?

É difícil definir o momento histórico em que se iniciou a chamada “arte afro-brasileira”. Alguns historiadores de arte afirmam o sincretismo artístico nos trabalhos dos africanos e seus descendentes ainda nos séculos XVI e XVII, com a introdução do barroco. No século XX, com a chegada da arte moderna ao Brasil surge uma miscigenação da arte africana com a européia. Essa nova geração de artistas começou a retratar as tradições afro-brasileiras fundindo-as com conceitos contemporâneos, como o cubismo. Sem conhecer ao certo o começo desse sincretismo, discute-se primeiramente o que é essa arte afro-brasileira.

Preso ao desenho e ao esboço, a obra de Agenor Evangelista se compõe de uma pintura figurativa inspirada em uma cena social. “Meu formato é figurativo, a pessoa olha e vê tudo, não precisa decifrar”. Sem retirar o ar melancólico das situações sociais retratadas, ele joga as cores que dão vida à pintura. “A pintura afro-brasileira tem muito ritmo, ela é muito viva na questão de cores”, explica Evangelista. Cada cor, segundo o artista, representa um elemento afro, “são cores que representam os orixás, o candomblé, a colheita”.

Seu trabalho, influenciado pelas obras de Candido Portinari, desenvolveu um caráter social e político, retratado pelo cotidiano, pessoas na periferia, cenas urbanas, bares, crianças brincando. A temática social se mescla com a influência de Di Cavalcanti e sua africanidade nas mulatas pintadas. Na década de 1980, com seu envolvimento no movimento negro, sua arte incorporou a questão afro-brasileira. “Os traços do meu trabalho são totalmente com influência afro, não posso negar a minha origem”, ressalta.

Bhall Marcos, um artista que sempre buscou se informar através de revistas de arte moderna e contemporânea, hoje garante fazer uma arte afro-brasileira. Mas nem sempre foi assim. Somente após críticas que afirmavam a presença de elementos afro em suas obras, Marcos enxergou e assumiu a africanidade e começou a se aprofundar nessa arte.

Tentando relacionar composição e espaço, desenho e pintura, Bhall Marcos concebe obras em óleo sobre tela e também em papel, nas quais combina formas geométricas com formas orgânicas de tendência abstrata. “Eu trabalho dentro do abstrato, com várias temáticas.” A pintura do artista, influenciada pelo artista goiano Siron Franco, entre outras referências, é vista como subjetiva e intuitiva. Ao referir a pintura afro-brasileira, Marcos, assim como Evangelista, salienta o uso das cores. “É o jogo de cores alegres no abstrato.”

A arte afro-brasileira contemporânea se mostra eclética nos materiais empregados e nos temas. Com a pintura afro-brasileira acontece o mesmo. Trabalhos de artistas como Evangelista e Marcos, embora se apresentem em

estilos artísticos diferentes, se conciliam entre si. Essa harmonia é conseqüência de um sincretismo que os une em uma única arte: a afro-brasileira.

---

## JUNHO

### TEMA: Identidade

#### O som dos batidos para o paranaense

Por Karine Serezuella

Tábuas de assoalho largas e flexíveis formam o salão e não há forro. O porquê do local é entendido ao começarem as danças, ou melhor, as marcas. A música se inicia a um só ritmo, que caracteriza cada marca, e o som dos batidos do tamanco no assoalho ecoa a quilômetros de distância. Assim, no final do século XIII, segundo alguns historiadores, os fandangueiros “batiam” o fandango em atividades de mutirão na roça ou plantio, em festas sociais ou durante o entrudo, os quatro dias que antecedem o Carnaval. Os homens sapateiam acompanhando o som das violas, adufos e rabeca, executando as batidas, enquanto as mulheres arrastam os pés. As valsadas intercalam entre as batidas, casais bailam numa valsa lenta. Tudo ao canto dos violeiros, com letras tradicionais ou improvisadas, sempre com menção à realidade dos habitantes litorâneos. “Dondom, Dondom Maria / Dondom, Dondom Maria / Me deitei no colo dela / Tinha sono e não dormia.”

O nome fandango designa manifestações populares em distintas regiões do Brasil. Autos e dramatizações o caracterizam no Norte e no Nordeste brasileiros (chegança dos marujos ou barca, chegança de mouros, marujada etc.). De acordo com o *Dicionário do Folclore Brasileiro*, de Câmara Cascudo, em São Paulo e nos estados da Região Sul, “fandango é um folguedo, festa, função, em que se dançam coreografias regionais”.

Dançado pelos povos litorâneos do Paraná, o fandango traz a miscelânea de traços de espanhóis e portugueses – açorianos – que desembarcavam em Paranaguá. Pesquisador da cultura popular, Fernando de Azevedo resalta as levas de paulistas e de portugueses vindas de São Paulo. O resultado é a mistura da cultura européia com a indígena devido à presença dos caiçaras, habitantes nativos.

Grupos como Família Pereira, Pirão do Mesmo, Caiçaras Arteiros, Pé de Ouro, Mestre Eugenio e Caiçaras do Paraná – todos da região litorânea – e o grupo Meu Paraná, de Curitiba, através de apresentações, procuram resgatar a tradição do fandango nos tempos de hoje. Formados por fandangueiros antigos da região e/ou pesquisadores da dança popular, eles buscam manter o fandango vivo como uma manifestação da cultura do estado.

E o restante dos paranaenses? Eles conhecem o fandango? E mais além: eles têm o fandango como identidade cultural? Difícil responder a essas perguntas considerando a dimensão geográfica do estado paranaense (área de 199.554 quilômetros quadrados, com 399 municípios) e a população de 9.706.000 habitantes (dados do Censo 2000 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas – IBGE).

Mas entre os quase 10 milhões de paranaenses, estão os músicos e dançarinos que compõem o grupo Brasilis – Cia. de Danças Folclóricas e Populares, de Maringá, cidade localizada no norte do estado. Projeto de extensão da Universidade Estadual de Maringá, a Cia. Brasilis foi criada em 1998 e até o final do ano passado fazia apresentações das danças folclóricas e populares brasileiras, entre elas o fandango como representante da dança popular do estado. Eles tinham como uma das finalidades resgatar e difundir o fandango paranaense, o que o aproxima dos grupos da Região Sul.

Desde sua fundação, os membros do grupo orientam estudos relacionados ao folclore brasileiro para, assim, desenvolverem as apresentações e iniciarem os ensaios. Em fase de reformulação do projeto, atualmente a companhia busca fazer uma reconstrução e historiar o fandango. “Na época em que tava dançando, a gente fazia uma reprodução, mas tentava buscar o mais autêntico. Hoje a gente tá em outra linha”, diz Isabela Fernandes, integrante do grupo. Como o enfoque do Brasilis estava no resgate do fandango paranaense, surge a questão da identidade cultural do grupo com a dança litorânea. “Para o Paraná que nós entendemos ele é, mas para a maioria que a gente conhece, não”, opina Edmilson Roque de Oliveira, participante do Brasilis, sobre o fato de o fandango ser um elemento da cultura do Paraná.

Rogério Massarotto, pesquisador e coordenador do grupo, considera que um grupo social do litoral do Paraná pode até se identificar culturalmente com o fandango. “Se você for lá em Guaraqueçaba, vai entender o que é o significado do fandango para aquelas pessoas, a cultura do fandango é a cultura deles, porque eles têm a história do fandango”. Colocar o fandango como identidade cultural de todo paranaense, segundo Massarotto, é uma das formas de segmentar a identidade em um só estado. “Não é porque eu estou no Paraná que minha história, minha identidade cultural têm de ser do Paraná”. Analisando o processo cultural como um processo mais amplo do que a segmentação da identidade cultural, ele aponta a identidade como uma necessidade que vem de fora. “Há um interesse muito amplo para que você defenda determinadas manifestações. Isso é motivado por um grupo social e não por mim, por um grupo externo.”

---

## **JULHO/AGOSTO/SETEMBRO**

### **Cobertura do Festival Cultura da Nova Música Popular Brasileira**

#### **A mistura da nova música brasileira**

*Festival da TV Cultura traz a diversidade cultural na primeira eliminatória*

Por Karine Serezuella

Começaram nesta quarta-feira, dia 4 de agosto, às 10 da noite, as eliminatórias do Festival Cultura – A Nova Música do Brasil. A apresentadora Cuca Lazzarotto, durante pouco mais de duas horas de festival, chamou ao palco os intérpretes das 12 canções classificadas. Nesta primeira etapa, serão apresentadas as 48 músicas selecionadas entre os 5.198 inscritos.

Transmitido ao vivo pela TV Cultura e pela Rádio Cultura AM (1200 KHz), o festival, idealizado por Solano Ribeiro, contará com mais três eliminatórias (10, 17 e 24 de agosto), uma semifinal (7 de setembro) e a final no dia 14 de setembro.

Na primeira eliminatória, o público no teatro do Sesc Pinheiros, em São Paulo, presenciou um evento bem organizado. Se a idéia do festival é mostrar a nova música do Brasil, ao final do primeiro programa, a forte diversidade musical e cultural na maioria das canções fez delinear inicialmente essa nova cara.

Combinavam-se ritmos como na canção bastante aplaudida “Macaratu, Samba e Baião”, de Ito Moreno, e “Samba Russo”, de Paulo Afonso de Carvalho, um rock com samba ritmado pelo pandeiro e pela cuíca. Ou então se falava da diversidade cultural como fez Flavio Marchesin e Eduardo Tibiriçá no pop-rock “Misturada”, interpretado pela banda Megarex.

O ritmo marcou as canções, mas as palavras também se destacaram. “Choro Alegre”, de João Cristal, criticou a dificuldade do artista musical de se infiltrar na mídia. “A Moda”, música de Agnaldo Almeida com letra divertida e boa interpretação da Banda Confraria da Bazófia, de Salvador, apresentou uma crítica à moda e à padronização de costumes.

Não faltaram o romantismo e a emoção, bem representados pelas canções “Que Bom Seria!”, de Márcio Proença, e “Sem Lugar”, de Carlos Menezes Jr., e músicas que associaram a sensibilidade dos autores à boa interpretação, principalmente a de Lucia Helena, que transmitiu a melancolia e a tristeza das palavras de Proença. Teve também o samba mineiro à la João Bosco “Arranca e Dá no Pé”, de Sérgio Santos. E a bossa aliada à tecnologia – uso de um sampler para mixagem – na música “Bossanet”, do compositor e produtor multimídia Sergio Augusto.

Após cada apresentação, Sabrina Parlatore, bem à vontade, entrevistava os concorrentes. Comentários mais informativos do que opinativos eram feitos por Wandi Doratiotto e Magda Pucci, além das tentativas de entreter a platéia do repórter Rodrigo Rodrigues – algumas bem-sucedidas, outras não.

Enquanto o júri, composto de nove nomes, entre eles Wilson Sukorski, Mauro Dias e Dante Pignatari, escolhiam as seis canções que foram para a semifinal, o público conferia o show de Leila Pinheiro com músicas reveladas nos festivais dos anos 1960 e 70.

Além de “Choro Alegre”, “Maracatu, Samba e Baião” e “Que Bom Serial!”, classificou-se a música “Um Sonhador”, do veterano Toninho Horta e interpretada por João Samuel, bastante nervoso. Também foram para a semifinal “Guri de Acampamento”, de Luiz Carlos Borges, e “Barco Negro”, de Val Milhomem, canções que enfatizam o regionalismo: ritmo sertanejo gaúcho e os tambores de Macapá, com a influência afro da região.

Para aqueles que não viram ou ouviram as canções classificadas, a TV Cultura disponibiliza as músicas no [site da emissora](#). A segunda eliminatória é na próxima quarta-feira, dia 10 de agosto.

### **A “nova música” abafada pelas vaías**

*“Contabilidade”, dos jovens Danilo Moraes e Ricardo Téperman, vence o Festival Cultura sob longos minutos de vaías*

Por Karine Serezuella

Noite de quarta-feira, platéia lotada no teatro do Sesc Pinheiros, torcidas organizadas e concorrentes com figurinos de festa. É a final do Festival Cultura – A Nova Música do Brasil, depois de mais de 5 mil inscritos, quatro eliminatórias e duas semifinais.

A estrutura da final continuou quase a mesma dos programas anteriores. A apresentadora Sabrina Parlatore continuou a entrevistar os concorrentes nos bastidores, variando bem pouco as perguntas já feitas ao longo do festival. Não faltaram palinhas como a de Marcelo Preto, intérprete de “Startrek de Tacape”, novamente reproduzindo sons com a boca.

Quem mudou de função foi Wandi Doratiotto, que deixou o posto de comentarista ao lado de Magda Pucci e passou a entrevistar os convidados “ilustres” na platéia, como Inezita Barroso.

Magda Pucci, por sua vez, entre um comentário e outro, tentava reforçar a idéia de que o festival proporcionou a revelação de novos talentos. Embora o que se constatava ao olhar para os finalistas fosse o contrário. Entre os

músicos, estavam veteranos como Toninho Horta (“Um Sonhador”), Zé Renato (“A Moça na Janela”) e Celso Viáfora (“Amanhã de Depois de Amanhã”).

Com o Sesc Pinheiros lotado pelas torcidas, a cada apresentação das 12 finalistas ouviam-se aplausos, alguns mais fervorosos como para “Achou!”, dos também veteranos Dante Ozzetti e Luiz Tatit; “Seresteiro a Perigo”, de Edu Franco; “Maracatu, Samba e Baião”, de Ito Moreno; e “Lama”, de Douglas Germano. Nas apresentações das canções “Achou!”, “Maracatu, Samba e Baião” e “Lama”, parte da platéia bateu palmas e cantou junto com os intérpretes. Já “Seresteiro a Perigo” mostrou novamente a bem-humorada performance no palco.

Era madrugada de quinta-feira quando o público aguardava a entrada da apresentadora Cuca Lazzarotto com os nomes dos vencedores. Para animar a espera, show com os músicos Simoninha, Max de Castro e Jair Rodrigues, que levantou literalmente a platéia.

Pronto. O júri, reformulado mais uma vez, fez as suas escolhas e os vencedores foram apresentados. A bela voz de Ana Luíza, da valsa “Cassorotiba”, de Marília Medalha e Dulcinéia Pilla, foi premiada como melhor intérprete junto com Marcelo Pretto, de “Startrek de Tacape”. Valter Braga, letrista de “Haicai Baião”, música de Renato Motha, recebeu o prêmio de melhor letra. Aplausos para o terceiro lugar que ficou para “Girando na Renda”, de Pedro Luís, Flávio Guimarães e Sérgio Paes. E muitos mais aplausos para a segunda colocada, “Achou!”.

Mas o vencedor, que na teoria deveria ser mais aclamado, se viu em uma cena nada confortável. Quando foi anunciada “Contabilidade” como a grande vencedora, longos minutos de vaias foram proferidos pela platéia. Quem viu pela televisão acompanhou apenas as vaias como fundo sonoro às tentativas malsucedidas de falar e conter a manifestação do público tanto de Gilberto Gil, que entregou o prêmio, quanto da própria apresentadora.

“Contabilidade”, composta pelos jovens Danilo Moraes, filho de Wandi Doratiotto, e Ricardo Téperman, não agradou tanto ao público presente, mas levou o prêmio de R\$ 50 mil, além da produção de um CD e DVD. O vencedor de melhor arranjo foi Swami Jr., também de “Contabilidade”.

---

## **OUTUBRO**

**TEMA: Novos meios**

**Suporte digital: apropriação do software e criação de uma poética**

Por Kariene Serezuella

Você olha a imagem e vê uma enorme avenida, com gigantes prédios para todos os lados, e ao fundo a cena de um bairro pobre. Não é difícil imaginar essa realidade. A foto da Avenida Paulista mais a foto do bairro do Capão Redondo. Juntou as duas imagens e transformou numa terceira. O trabalho descrito é *Os Dois Lados da Moeda*, do artista Wilson Inácio. “A arte possibilita uma nova realidade.” Inácio mora na cidade de Cambé, norte do Paraná, e trabalha em projetos municipais, em vídeo e desenho animado. Viveu 26 anos em São Paulo e lá estudou arte publicitária e desenho – o seu forte – na Escola Pan-Americana de Arte e Design. No entanto, foi cursando a faculdade de educação artística na Universidade Estadual de Londrina (UEL) que ele teve contato com outras modalidades artísticas, entre elas a arte digitalizada.

No começo, certa resistência à tecnologia. Depois da vivência de uma trágica, mas para ele cômica, história, ele se viu à frente da arte eletrônica. “Eu tinha uma pasta enorme de desenhos e tava digitalizando essas imagens só como arquivo. Eu deixei minha pasta na universidade uns dois meses. Quando fui retirar, choveu em cima da pasta, mofou e eu perdi 80% dos trabalhos. Graças à imagem digitalizada, eles continuam vivos por aí.”

Hoje todos os seus trabalhos, que envolvem desenho, fotografia e pintura, partem de uma imagem que sempre passa por um processo de “manipulação” através de softwares. “A imagem está em constante mutação.” Ela pode ser manipulada até ele decidir que a série está encerrada, ou depois de um tempo voltar a ela novamente. Sua arte é denominada por ele como “gravura digital”.

No Ocidente, a gravura tem uma história de mais de 500 anos. De acordo com a professora de gravura Jane Zandonade, do Centro Universitário de Barra Mansa (UBM), no Rio de Janeiro, a técnica foi desenvolvida por meio de processos trazidos do Extremo Oriente como a xilografia, cuja matriz é em madeira, e também com a invenção do papel – viabilizando as cópias. Aí está a característica dessa técnica: a reprodutibilidade.

O artista atualmente pode usar o computador como ferramenta, que possibilita efeitos que à mão ele não conseguiria. Ele constrói a imagem e depois transfere para uma matriz tradicional, que pode ser papel, madeira ou metal.

Mas no trabalho de Inácio, aquele produzido no computador e deixado na rede, qual é a matriz? É o próprio suporte? Para ele, sua obra é uma gravura porque a imagem digital pode ser reproduzida quantas vezes se quiser.

Para o professor de infografia artística da UEL Celso Martins, existe uma confusão conceitual. Para ele, pensando em imagem digital, ela está em todos os lugares do mundo e ao mesmo tempo não está em lugar nenhum. “Você não vai encontrar um conceito acadêmico e científico quando o suporte é o computador, você cria a imagem e deixa na rede.” Os conceitos, segundo Martins, estão se construindo, tudo que diz respeito a

tecnologia e arte está se construindo. Por exemplo, infografia é uma forma gráfica de imagem para mostrar um determinado dado. Mas infografia artística – que algumas pessoas comparam à gravura digital – não tem uma definição clara. “A pessoa produz uma imagem digital e chama do nome que der na cabeça dela.”

Martins diz que a questão é o uso do suporte, o artista se apropria dele, se expressa artisticamente e coloca uma poética. “Em arte, ele tem de usar aquele suporte como expressão artística, construção poética. Se isso chama gravura digital, não sei.” O artista adquire um domínio técnico sobre softwares como Photoshop e CorelDraw e “toma as rédeas da tecnologia”.

“Eu acompanho o aluno no trabalho de pintura, de escultura, de desenho, de gravura e de infografia artística. Você olha e é o mesmo trabalho só que em suportes diferentes. Não se pode esquecer do principal que é a questão da criação.”